

MEMÓRIA E ENCANTAMENTO DAS ÁGUAS: VOZES E HISTÓRIAS DO PANTANAL DE MATO GROSSO

*Mário Cezar Silva Leite**

*Os acontecimentos de água
põem-se a se repetir
na memória.*

João Cabral de Melo Neto

Pensar o Pantanal é sempre pensar um universo. Múltiplo. Águas, terras, vegetações, animais, gente. Pantanaís, ecossistemas, vidas. Embora esta variedade seja sempre citada, e até mesmo reconhecida, a palavra Pantanal evoca, parece-me, a idéia, a noção central de água. Sem hierarquizar, talvez a água seja o elemento mais definidor e sintetizador da idéia e da imagem-Pantanal. É por seus fluxos, cheia/vazante, que muito do que se constitui espacialmente se define, ou talvez, se indefine. O Pantanal seco – no período de seca – é um, uma geografia, um espaço. O Pantanal da cheia é outro. Sem deixar de ser sempre o mesmo. Neste ritmo, as vidas, todas as suas formas organizam-se, reorganizam-se, proliferam-se, seguem os movimentos.

Há um drama, um enredo e uma história inscritos nesta geografia em movimento que se regula pelo fluxo das águas. Um vai-e-vem de espaços e paisagens. A amplidão e a horizontalidade do mundo refletida nas águas dissimula profundidades, meandros e percursos obscuros da natureza e do homem que se redesenham na voz, na história,

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Coordenador do Gt de Literatura Oral e Popular da Anpoll (2000-02), professor de literatura brasileira no Depto. de Letras/UFMT e do Programa de Mestrado em História/UFMT.

nas histórias, na memória, na cultura. Cada voz, cada memória – no prazer simples do café, das limonadas e das tardes quentes – vai tecendo um Pantanal que escorre, seca ou transborda, do vivido, do riso, do medo, do reviver e do recontar.

Aqui também se organiza um mundo! Sempre que se narram um espaço, um grupo humano e uma forma de pensar, narram-se o surgimento, o ressurgimento, de um universo. Ele mesmo, “real”, e um outro-mesmo elaborado na narrativa e no desenho de quem narra. E por paradoxal que pareça, estes desenhos não se constituem como ficção. Na voz-memória que narra o espaço, os seres encantados, a pescaria e a vida pantaneira imprimem-se rostos e corpos de antigos pescadores, pequenos agricultores, gente antiga dessas águas.

Ao longo de uma pesquisa de campo que formou a base de meu trabalho de doutoramento², fui conhecendo gente, ouvindo histórias, gravando coisas, imagens, vozes, espaços, atravessando... Mas não me enganei: o espaço também me atravessou. E aos poucos, história a história, emprenhado pela paisagem, pelas águas, pelos fluxos e pelas vozes-memórias restou-me, então, – como arremedo riobaldiano – navegar em busca de sentido. Sentidos. Todos muito mais amplos do que eu possa contar, recontar e reorganizar.

Neste artigo, estarei trabalhando, num primeiro breve momento, com a noção de Pantanal criada pela geologia e pela história. E isto apenas para demonstrar no discurso da geologia uma certa proximidade com os mitos cosmogônicos – o mundo surgindo, o caos se organizando em cosmo, a partir da água; e na história, para demonstrar que, mesmo nos seus primeiros momentos históricos, com as narrativas do século XVI, esse espaço já surge envolto em uma esfera maravilhosa.

Num segundo momento, estarei basicamente trabalhando com duas ramificações da noção de encantamento das águas no imaginário popular pantaneiro: uma, natureza e sobrenatureza; outra, natureza e cultura. Saliento que estas ramificações não se constituem como diferentes ou isoladas uma da outra e que a noção de encantamento é bastante complexa e aponta para uma série variada de desdobramentos que não estarão presentes aqui. Mas as duas vertentes aqui trabalhadas são, de certo modo, o território

2 M. C. S. Leite, *Águas encantadas de Chacororé: paisagens e mitos do Pantanal*, COS/PUC-SP (mimeo.), Tese orientada pela Dr^a. Jerusa Pires Ferreira.

de assentamento de todas as outras. Isto quer dizer que nas mais diferentes pontas, possíveis para o encantamento das águas no Pantanal, elas estão sempre circulando no mesmo rebojo comum e convergente.

Para a geologia, o Pantanal perde-se no tempo-espaço da criação. Recriação. Os seis longos dias de trabalho. Terciários, Proterozóicos, Fanerozóicos, Fases Oregênicas, Silurianos, Cenozóicos. Entre vulcões e terremotos, levantam-se os Andes, formando “falhas”, “fraturas”, organizando um espaço-Pantanal que continua em formação.³ Impressas no corpo da terra as tatuagens de existência, mares de gelo, desertos inabitados; idades da terra.

Este espaço assim originado, deste os primeiros viajantes espanhóis no início do século XVI, naquele momento denominado de Laguna de Los Xarayes⁴, insere-se em uma aura mítica e sobrenatural. Natureza e imaginário se entrelaçam nesta região. Os espanhóis, primeiros viajantes-narradores, divulgaram notícias “de um lugar onde existia a Serra da Prata, o Rei branco e muitas riquezas. A partir destas notícias, a bacia do rio Paraguai passou a fazer parte das fabulosas histórias contadas sobre a América”.⁵

Travessia. Espaço-passagem. O ritmo das águas, a presença de índios e os muitos mitos de lugares ricos e encantados caracterizaram a bacia do Paraguai como um lugar de passagem. “O espaço pantaneiro não ganhou uma narrativa substancialmente sua; seus relatos quase sempre estão contidos em descrições de viajantes que por variados motivos tinham que cruzar seus rios como caminhos que os levavam a outras partes”.⁶

Este espaço-passagem ligava-se diretamente à construção de Xarayes como lugar encantado. Ambiente hostil e mágico que, necessariamente, teria que ser atravessado para se chegar a “paraísos”, “cidades fabulosas” ao “país do rei branco, ao reino das guerreiras amazonas” e ao Eldorado⁷. Nove círculos aquáticos pelo corpo estranho de um anjo caído no novo mundo?

3 Trabalho aqui com dois textos que tratam da formação geológica do Pantanal: L. G. de Souza, *História de uma região: Pantanal e Corumbá*, São Paulo, Resenha Tributária, 1973; e A. N. Ab'Saber, “O Pantanal Mato-grossense e a Teoria dos Refúgios”, *Revista Brasileira de Geografia*, número especial, tomo 2, ano 50, Rio de Janeiro, 1988.

4 Ver, a este respeito, M. de F. Costa, *Notícias de Xarayes: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, São Paulo, FFLCH/USP, 1997 (Tese de doutorado).

5 Idem, p. 4.

6 Idem, p. 49.

7 Idem, p. 63.

As narrativas dos viajantes espanhóis, “extemporaneamente próximas das narrativas medievais”, principalmente de Schimidl, Cabeça de Vaca e também Gusman, criaram e difundiram “a imagem de que na região banhada pelo rio Paraguai havia um grande lago no qual existia uma ilha fabulosa, e que através dela poder-se-ia alcançar o reino das amazonas” e outros lugares maravilhosamente ricos.⁸ “A busca das maravilhas constitui um dos mais sólidos atrativos da exploração do mundo”⁹.

Dentro deste perfil, é possível pensar Xarayes-Pantanal em diálogo direto com, e inserida, em uma cartografia mais geral em que se incluem, no pensamento ocidental, vários lugares maravilhosos: ilhas, lagoas, países distantes. Muito provavelmente, poder-se-ia dizer para os relatos dos espanhóis que:

Esse outro mundo só é novo na medida em que nunca foi visitado até então. Pois na realidade ele existe há séculos na tradição. (...) O estado de espírito mais favorável à credulidade e à fabulação é o estado de receptividade extrema e apreensão em que se encontram os viajantes que pisam pela primeira vez uma dessas terras, onde não se tem mais certeza da materialidade do solo e do equilíbrio entre os diferentes elementos (...) Em dado momento, todos os viajantes têm a forte sensação de estarem passando para o outro mundo.¹⁰

Muitos desses lugares já existiam no imaginário, bastava apenas buscá-los, encontrá-los e organizá-los à luz do espaço pré-existente no imaginário.

É provável que com os relatos portugueses, posteriores aos dos espanhóis, a imagem de lagoa tenha se estendido e se redimensionado para a de Pantanal ou pantanais e perdido muito da sua esfera maravilhosa. Segundo Maria de Fátima Costa, as narrativas monçoeiras rompem com a tradição fantástica ao se preocuparem com o sentido prático e de orientação para outros futuros viajantes. Uma outra cartografia engendra-se para o mesmo espaço. Abandonou-se, então, a partir dos “paulistas”, o território mítico? O mundo das águas desencantou-se? Amarrado no mastro de seu navio, ouvidos tapados, Ulisses não escuta mais o canto da sereia? Ou ela não canta mais?

8 M. de Fátima Costa, op. cit., pp. 67-68.

9 C. Kappler, *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*, Trad. Ivone Castilho Benedetti, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 61.

10 Idem, pp. 63-65.

A grande lagoa de Xarayes, passagem dos espanhóis para reinos encantados, cede lugar a uma geografia repleta de outras lagoas. Com os portugueses-paulistas, surge uma cartografia que é “tudo baías”¹¹. E uma outra história (re)começa.

Azis Ab’Saber chamou a atenção para o fato de que a expressão “baía” – que designa os lagos e lagoas do Pantanal – é “de origem marcadamente popular e altamente simbólica”. De modo geral, o termo engloba desde “embaixamentos nos bordos das serranias”, até “numerosas lagoas circulares isoladas no meio das planícies pantaneiras”¹². Das inúmeras baías que se espalham pelo Pantanal de Mato Grosso, a baía de Chacororé é uma das maiores e, ainda hoje, uma das mais encantadas.

Para o imaginário popular pantaneiro, em especial para a população nas proximidades desta baía, Chacororé é um espaço encantado. As narrativas orais, recolhidas em pesquisa de campo, referem-se sempre ao encanto de Chacororé. A baía é encantada!

O termo “encantado” é utilizado como uma espécie de expressão “classificatória” ou mesmo um “conceito” pelas populações mais tradicionais e oralizadas da região do Pantanal. Ele determina não apenas lugares carregados de sobrenatural, mas também seres míticos, como o Minhocão e o Negrinho d’água, entre outros.

Observei que a noção de encantamento que se elabora no imaginário popular pantaneiro, por meio das narrativas, engendra um universo em que alguns elementos convencionalmente distintos encontram-se enredados, entrelaçados e indistintos.

No plano mais amplo e globalizador do encantamento – que, na verdade, vai defini-lo no todo – aparece, como trama fundamental, a indistinção entre natural e sobrenatural. Este imbricamento revela-se na medida em que natureza e sobrenatureza não se distinguem, muito menos se opõem, no interior da noção de encantamento. Nas vozes pantaneiras, peixes, mitos d’água e a própria baía de Chacororé interseccionam estes dois universos.

O principal caracterizador do encanto de Chacororé liga-se à sua natureza hidrológica e aos movimentos de suas águas: Chacororé é a baía que faz ondas. Fato já observado por Rolim de Moura, em 1751.¹³ Grandes ondas levantam-se de uma hora

11 R. de Moura, “Relação da viagem que fez o Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim de Moura, da Cidade de São Paulo à Vila de Cuiabá em 1751”, em A de E. Taunay, *Relatos moçoiros*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1981, p. 275.

12 A. Ab’Saber, op. cit., pp. 30-48.

13 R. de Moura, op. cit., p. 215, e M. de F. Costa, op. cit., p. 180.

para outra, colocando toda a baía em movimento. Estas ondas significam para os pantaneiros que Chacororé está brava. Por algum motivo ela “embrabece” e demonstra sua braveza através das ondas.

*Então que aquela maresia quando vinha não tinha o que agüentava lá. Ele (a maresia, as ondas) acabava mesmo com tudo que tinha. Eu acho que é esse é que embrabece, né? Por que é brava mesmo, né? Pois é, isso tudo acho que era o encanto da baía que dava isso.*¹⁴

*A baía embrabeceu que não houve meio. Levantava as ondas, ficava as ondas bravas, a baía brava quase que derrubou nós da canoa. Falam que era encantada. Ela embrabeceu, ficou brava. Forma onda grande mesmo que o senhor não passa. (...) ela desanda a ondar, ondar, ondar e não pára. Sempre vejo falar que a baía é encantado.*¹⁵

A braveza da baía de Chacororé, manifestada pelas ondas, é a “marca registrada” de seu encantamento. E, neste sentido, o encanto de Chacororé insere-se numa poética mais geral e de todas as águas.

Para Bachelard, comentando as metáforas da água violenta e que reage às provocações humanas, “os nervos da água estão à flor da pele”. E há algumas “águas que têm a epiderme sensível”¹⁶. Bachelard observa, ainda, que “alguns lagos são particularmente excitáveis; reagem imediatamente à menor provocação”¹⁷.

Para a baía de Chacororé, os barulhos humanos, conversas, gritos ou mesmo assobios é que funcionam como provocação e a baía reage violentamente levando suas ondas. “Fica brava. A gente não pode gritar no meio da baía que ela fica brava. O senhor não pode... Ahhhhhhh (grito), ela desanda a ondar. Gritou no meio dela, ela...fica brava”¹⁸.

Vale lembrar aqui que a braveza de Chacororé levantando ondas é o principal caracterizador de seu encanto e, mais ainda, define a própria baía como um ser mítico

14 Entrevista feita em Estirão Comprido, comunidade às margens do rio Cuiabá, com Agostinho José de Araújo, Seu Agostinho, melgassense (de Barão de Melgaço), 93 anos.

15 Entrevista realizada em Porto São Bento, com Arnaldo Ferreira Leite, mimoseano (de Mimoso), 63 anos.

16 G. Bachelard, *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 190-191.

17 Idem, p. 188.

18 Arnaldo Ferreira Leite.

individualizado. Além das ondas, todas as manifestações míticas são atribuídas ao poder e vontade da baía. Portanto, ela e suas águas são detentoras de um poder sobrenatural que se manifesta quando e como deseja. A idéia central, neste caso, é que Chacororé, conforme seu próprio desejo, elabora, dá forma e manifestação a todos os seres que nela aparecem.

*O encanto da baía representa de tudo quanto é movimento que você está enxergando. Lá ele (o encanto) representa um homem, uma mulher, andando. Mas é a baía que faz. É a baía. Tudo é a baía! A apresentação é dela. Aí é que está! De gente também. Dessas coisas que ela faz.*¹⁹

Ainda na esfera da indistinção, entre natureza-sobrenatureza, o encantamento das águas no Pantanal concebe materialidade, fisicalidade, corporeidade para os seres sobrenaturais. Os mitos possuem corpo físico. Podem ser atingidos fisicamente ou mesmo agir no plano físico e natural.

*E lá ele (um pescador) fez ponta numa taquara e chuçou lá e pegou nele (no encantado), ele ficou zoando com a taquara no meio da água. Ele é encantado! O pessoal fala "ah, não tem!" Não tem o quê! Tem sim!*²⁰

A noção de encantamento, colocando natureza e sobrenatureza num mesmo plano e esfera, desdobra-se e ramifica-se em uma série de outras indistinções – sem perder este assentamento básico – que, provavelmente, colocaria em pânico, ou desassossego, alguns pensamentos mais ortodoxos. A indistinção do encantamento estende-se para uma não separação -- não oposição – entre natureza e cultura.

Elementos que convencionalmente estariam separados e somente em uma das esferas – natureza ou cultura –, aparecem imbricados, misturados e indiferenciados. Um primeiro diluído indício desta formulação revela-se no momento mesmo em que, nas vozes e memórias dos pantaneiros, no fluxo narrativo, as histórias não se separam. Narram-se casos acontecidos e vividos envolvendo tanto os elementos naturais – peixes, piranhas, cobras – quanto os sobrenaturais – Mãe d'água, Negrinho d'água, Barco Fantasma. Natureza e sobrenatureza, já citadas. Sim, mas a noção de encantamento transfere, negocia e mistura natureza e cultura.

19 Donato Rodrigues de Souza, mimoseano (de Mimoso), 74 anos.

20 Manoel Miguel Araújo. Estirão Comprido.

Vale lembrar que Mielietinski, já há alguns anos, mais precisamente em 1976, dizia que:

Dados das modernas pesquisas de campo mostram que, na prática, esta binaridade [natureza-cultura] não se manifesta com tanta precisão, concorre com construções trinárias indecomponíveis, e que o papel principal é desempenhado por zonas neutras que dividem os pólos. (...) Tudo indica que a diferenciação entre cultura e natureza é apenas vislumbrada nos mitos arcaicos. Os mitos arcaicos se encontram no caminho entre a distinção e a indistinção.²¹

Na baía de Chacororé – e mais amplamente para todas as águas do Pantanal – o encantamento engendra a idéia de que os seres imaginários possuem casas, fazendas e cidades sob as águas. Mas não apenas os mitos, também os peixes e jacarés possuem suas casas, fazendas e cidades. Natureza e sobrenatureza culturalizadas.

*Aí o coitado passou três dias dentro da água. Ele, o Negrinho (d'água), tirou o homem pra terra. Eles (os negrinhos d'água) colocaram ele lá com a palma da mão fofa de palmatória e a sola do pé e a popa da bunda. Apanhou muito lá! Vivo! Ele apareceu vivo. Ele falou, ah, eles me pegaram lá, não sei lá, falam que é o Negrinho d'água. Me levaram pra lá, afundou lá, ele tem casa lá, lá dentro, lá embaixo, e judiaram comigo desse jeito.*²²

*Em baixo d'água! Tem cidade deles! O senhor vê que hoje todas as coisas estão dependendo de muito estudo pra saber certas coisas. Os jacarés têm cidade, dourado tem cidade, tudo quanto é esses peixes grandes têm cidade deles. Todos têm cidade!*²³

De muitas maneiras, esta esfera cultural, presente na indistinção do encantamento, revela-se nas narrativas orais e no imaginário popular pantaneiro. Mas esta idéia se radicaliza e se completa quando os seres imaginários, além de possuírem casas e cidades, aparecem como racionais e como possíveis elaboradores de um pensamento científico.

21 E. M. Mielietinski, *A poética do mito*, Trad. Paulo Bezerra, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987, pp. 94-95.

22 Entrevista com Manoel Miguel de Araújo, 79 anos, melgassense (de Barão de Melgaço).

23 Donato Rodrigues de Souza, mimeoseano.

*Você acha que existe alguma cidade de dentro da água que a gente não sabe? Se existe, talvez pode ir lá e nun matar, entendeu? (...) Porque a gente não sabe a ciência deles, o que eles pensam também, né? Mas que existe existe!*²⁴

Toda a ampliação do encantamento em que se equacionam natureza-cultura e sobrenatureza está ligada diretamente à noção da água como um outro mundo. Essa idéia apresenta-representa o mundo subaquático como reprodução do mundo do seco. O mundo submerso é reprodução do mundo do seco, do mundo da terra. Daí que não é raro encontrar o Boi d'água, o Cavalo d'água, boiadas inteiras e seus boiadeiros surgindo das águas. Mas há a percepção clara de que não se tratam de simples reprodução, todos eles são encantados. O que se distingue no imaginário popular pantaneiro do imaginário de outras comunidades à beira d'água, que também elaboram essa concepção²⁵, de mundo aquático reproduzido, é que para o Pantanal esta reprodução aquática muda ontologicamente os seres. A reprodução aquática do mundo sobrenaturaliza e encanta o universo submerso. A água é o outro mundo. Sem deixar de ser, ao mesmo tempo, o próprio universo natural.

Assim, a mitopoética pantaneira – nas vozes, na memória, nas narrativas, no revivido do contar e recontar – revela o encanto das águas constituído na indistinção dos mundos. Redesenha e reorganiza um outro Pantanal, que já não é mais passagem. É mundo e nos atravessa!

24 F. A. Fernandes, *Entre histórias e tererês: o ouvir da literatura pantaneira*, Assis, Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 1998 (Dissertação de mestrado). Entrevista com Dirce Campos Padilha, p. 61.

25 Ver a esse respeito G. O. da Silva, *Tudo o que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores de pesca em Piratinga, Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1989.